

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 17

Data: 01/06/80

Pg.: 28

### Extinção é o que parece restar à tribo dos guajás

Do correspondente em  
SAO LUIS

Se a situação da população indígena maranhense, calculada em pouco mais de oito mil pessoas, é considerada dramática por antropólogos e indigenistas, a dos Guajás constitui um caso especial. Embora vivam em permanente conflito com fazendeiros por questões de limites de terra, as demais tribos possuem o amparo formal do Direito às suas reservas. Com os Guajás isso não ocorre.

Última nação exclusivamente caçadora-coletores do Brasil, esse grupo nômade vaga pelos vales dos rios Pindaré e Turiagu, nos poucos lugares onde ainda não há fazendas instaladas, esquivando-se do contato com o branco que só lhe tem a oferecer doenças e balas de espingarda. Devido à inadaptação à vida sedentária e à perseguição constante por parte de fazendeiros, os Guajás foram obrigados a se dividir em pequenos grupos, isolados pelas matas do Maranhão.

O fato de viverem exclusivamente da coleta e da caça não seria suficiente para que tivessem uma vida tranqüila numa região onde há abundância de riquezas naturais. Mas os acontecimentos dos últimos 30 anos, segundo relato do antropólogo Mércio Pereira Gomes, da Universidade de Campinas, resultaram na perda de grande parte do seu território tradicional, na divisão de grupos que terminaram perdendo o contato entre si, e na morte de pelos menos dois terços de sua população.

#### POPULAÇÃO INDEFINIDA

As frentes de atração instaladas pela Fundação Nacional do Índio (Funai) já conseguiram alguns contatos esporádicos com grupos isolados de guajás. Em 1978, o sertanista Sidney Possuelo avistou-se com onze índios. O contato foi rápido e, hoje, há breves notícias sobre eles, por meio de informações prestadas por lavradores, que os vêem, vez por outra, às margens do rio Caru, afluente do Pindaré.

Em 1973, a antropóloga Valéria Parise empreendeu uma busca aos guajás, após a notícia de que alguns deles aproximavam-se de fazendas situadas às margens do Caru, contraindo gripe e morrendo em seguida. Parise conseguiu transladar nove guajás sobreviventes para São Luís, cinco dos quais eram crianças cujos pais haviam morrido. Os quatro adultos morreram. Das cinco crianças, duas também morreram, vítimas por tuberculose contraída na capital maranhense.

De 1974 até agora, cerca de 120 Guajás foram contatados em ocasiões diferentes por funcionários da Funai. Mércio Gomes disse que, no verão de 1976, embora já com várias mortes registradas, um funcionário da frente de atração Guajá contou 91 índios reunidos. Hoje, restam 29 deles, mais da metade crianças. Por isso não se conhece o número exato dos membros dessa tribo no Maranhão.

No ano passado, nove Guajás foram atraídos pela presença de fazendeiros nas matas de Turiagu. Estavam famintos, pois a caça rareava e rondaram os visitantes da mata. Logo que estes saíram da clareira em que se encontravam, os índios comeram um pouco da farinha ali deixada. Foram parar num hospital de São Luís, onde foi constatado envenenamento, e morreram.

Mércio Gomes informa também que, em 1970, quando as matas do atual município de Santa Luzia começaram a ser invadidas por brancos, havia um microgrupo Guajá formado por 35 pessoas.

Os índios contraíram doenças infecciosas e mais de uma dezena morreu. Nos anos seguintes, soube-se da presença deles pelas picadas encontradas na mata. A região começou a ser povoada, desta vez por contingentes populacionais que vinham diretamente da cidade de Santa Luzia, por terra já desbravada.

A mata original desse grupo — afirma o antropólogo — foi diminuindo gradativamente. Hoje resta uma pequena área

que é também explorada pelos pequenos lavradores e posseiros da região. Em 9 de abril deste ano, Mércio Pereira Gomes mais os chefes de posto Antonio Lau de Araújo e Raimundo Moura, além do médico Reinaldo Dames conseguiram encontrar, definitivamente, o grupo, que é constituído por apenas 27 índios.

#### RELATÓRIO

Foi justamente a aproximação com esse grupo de Guajás que levou o antropólogo a encaminhar, no dia 20 de maio último, um longo relatório ao Departamento Geral de Planejamento Comunitário da Funai, em Brasília, e à maioria das comissões Pró-Índio do País. Mércio Pereira acredita que não há a menor possibilidade de sobrevivência para o grupo na região. A presença de brancos, a insignificância da mata restante e as condições ambientais existentes, segundo ele, vão determinar o desaparecimento, mais cedo ou mais tarde, desses índios.

A área onde eles se encontram é, atualmente, uma das mais disputadas por pequenos proprietários, gileiros e grandes empresas agropecuárias. A única solução possível para os Guajás, de acordo com Mércio Gomes, é o seu assentamento na reserva Caru, no vale do Pindaré, mesmo reconhecendo que a "transferência de grupos indígenas de uma área para outra é uma questão delicadíssima".

Mércio refere-se aos resultados da mudança de nações indígenas, como os Xavantes nos anos 60, e os crenhancacore, em 1973. "O trauma dessas transferências resultou em verdadeiros desastres demográficos." De uma população de 150 crenhancacore, somente 70 sobreviveram após a mudança.

"Esses dados, se projetados para os guajás, resultariam num verdadeiro genocídio, cujo desfecho seria a inviabilidade sócio-cultural desse grupo e sua extinção", afirma ele, dizendo que a única vantagem da mu-

dança dos 25 guajás para a reserva Caru é o fato de eles próprios afirmarem que há uns 30 anos viviam nesta região, não sendo o território para eles desconhecido. "Ademais — lembra — essa é uma área abundante de babaçuais, o que lhes atrai, mesmo sabendo que seria um exodo imposto."

Em resumo, é esta a situação do último grupo indígena brasileiro que sobrevive exclusivamente da coleta e da caça. Sem território definido, ele resiste ao desaparecimento que é inevitável, se não forem adotadas medidas energéticas por parte da Funai. O último contato está nesse impasse: arriscar-se aos perigos (que resultam quase sempre fatais) de uma transferência, ou morrer pelas doenças ou pelas balas dos brancos que o estão sufocando num território cada vez menor.